

A capacidade de criar e inovar na academia



Propostas de mudanças e inovação sobre o pensamento criativo no processo de aprendizagem constituem objeto de reflexão neste artigo. A capacidade de criar inovação se concretiza na criação de ideias, ações e processos inovadores. A intensidade com que essas competências vêm sendo requeridas, desenvolvidas e celebradas nos dias de hoje é avassaladora. Tem-me chegado uma consciência do momento que se vive em nossas instituições. Observo que é um período revolucionário em que todos estão fartos de reproduzir modelos pouco eficientes. Fez-se tanto até aqui que, particularmente, ninguém quer mais fazer nada que não signifique alguma coisa de novo em sua essência, capaz de romper com os modelos que traduzem uma prática pedagógica pouco original.

Informações oriundas de diversas partes do mundo se convergem para criar a mesma sintonia. Percebem-se gestores inquietos em busca de resultados por um modelo educacional que não seja estanque e estático. Contudo, continua-se a crer e a fazer as coisas da mesma forma até hoje, e isso aponta que há algo errado. Reflete-se de maneira diferente todos os dias, portanto é preciso rever os modelos mentais de quem atua no processo educativo a fim de mudar o jeito de pensar.

O ambiente externo é provocativo no sentido de formar pessoas com grandes certezas que, quando absolutas, tornam-se ainda mais perigosas. Admiro pessoas com grandes dúvidas, pois nos confrontam sobre a forma com que pensamos e entendemos o mundo. Levam-nos a buscar novos níveis de compreensão. Para se mudar a prática, é preciso mudar a mente, a construção do pensamento.

Segundo a professora Eunice Soriano Alencar, a criatividade é um recurso precioso de que dis-

pomos e que necessita ser desenvolvido e melhor aproveitado, especialmente neste momento da história, marcado por mudanças drásticas, incerteza, turbulência, instabilidade e fortes pressões competitivas. A sua importância é de tal ordem que a criatividade tem sido, inclusive, apontada como habilidade de sobrevivência para o próximo milênio. A economia mundial pede por isso, as sociedades globalizadas, o mundo digital, o país - que experimenta, nos anos recentes, dinâmicas de crescimento tão intensas e plúrais - pedem por isso.



Formar, nas universidades, mentes criativas, que saibam atuar em processos criativos é um desafio, pois as estruturas sociais e o ensino formal pelo qual todos passam são condicionantes limitadores desse potencial criativo. Primeiramente, é preciso trabalhar com o bloqueio que cada indivíduo já traz consigo. Em vários dicionários, encontra-se a palavra bloqueio definida como: imobilização, trava, impedimento. Significa que a passagem para novos modelos está fechada. O desbloqueio é a ação que o tornará capaz de atuar na solução original de problemas.

Bloqueios mentais não significam apenas dificuldades na esfera cognitiva, mas também na emocional, no domínio de aspectos culturais e na capacidade de percepção dos vários fenômenos presentes no indivíduo criativo. Bloqueios emocionais impedem

a exploração e manipulação de ideias por receio de falta de aceitação. Entre as diversas dificuldades encontradas pelo aluno, pode-se listar: medo de errar; desejos intensos de segurança; preferência por julgar ideias, em vez de gerá-las; desconhecimento dos recursos internos; medo do ridículo e da crítica; concepção que o indivíduo faz de si mesmo.

A ausência de domínio de aspectos culturais origina-se do desconhecimento do conjunto de padrões culturais vigentes numa determinada sociedade. Como limitador cultural, pode-se citar a consideração da fantasia como perda de tempo; consideração da tradição como preferível à mudança; ênfase na razão, na lógica; senso de utilidade; desvalorização da intuição, entre outros tabus.

Os bloqueios perceptivos são observados diante da dificuldade em visualizar um objeto como tendo mais de uma função; no domínio da competência ao reestruturar um problema, vendo-o sob um novo ponto de vista; na dificuldade em isolar o problema do todo e relacioná-lo a novas possibilidades; na tendência em restringir demais a área do problema; na incapacidade em ver o problema de vários pontos de vista; e nos estereótipos.

Eduardo de Bono afirma que o cérebro somente pode ver aquilo que está preparado para ver. Assim, quando analisamos dados, somente podemos encontrar as ideias que já temos. As matrizes curriculares e as situações de aprendizagem propostas nos cursos de graduação encontram dificuldades ao trabalhar com o desbloqueio, e as razões são va-

riadas: o preparo do docente, a construção do modelo metodológico, a incapacidade de se elegerem disciplinas e desenvolver suas ementas e bibliografias. A prática pedagógica, ao lidar em sala de aula com estratégias de desbloqueio e/ou solução de problemas, cria situações em que seja possível combinar, inverter, adaptar, diminuir, aumentar, substituir, exagerar, improvisar e uma variedade de posturas e ações que criam a capacidade de pensar o novo.

Creio que, ao vislumbrar a possibilidade de uma nova formação do alunado, todo professor ou gestor se sentirá engajado com a proposta de revisão da prática pedagógica. Contudo, o maior desafio está na construção, pelos próprios docentes e gestores, desses modelos, que podem ser adaptados a sua própria realidade. Ou seja, fazer algo que realmente signifique alguma coisa além da mera reprodução de conteúdo.

Finalizo o texto com a reflexão de Joseph Campbell em *O Poder do Mito*, 1988. “Heróis são as pessoas que se afastam da senda traçada pela tradição e ingressam na floresta densa da experiência original. A coragem de enfrentar julgamentos e trazer um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência para ser experimentado por outras pessoas é a façanha do herói”. ■

*Diretora da Panamericana - Faculdade de Arte e Design, diretora da Gênese Consultoria Educacional, colunista do Portal dos Administradores e consultora da Linha Direta para o Ensino Superior

www.genesisedu.com.br

